

em 10-8-906-100 exp. des.

MENDES DOS REMEDIOS

Impressão

AS

Horas de Nossa Senhora

DA

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

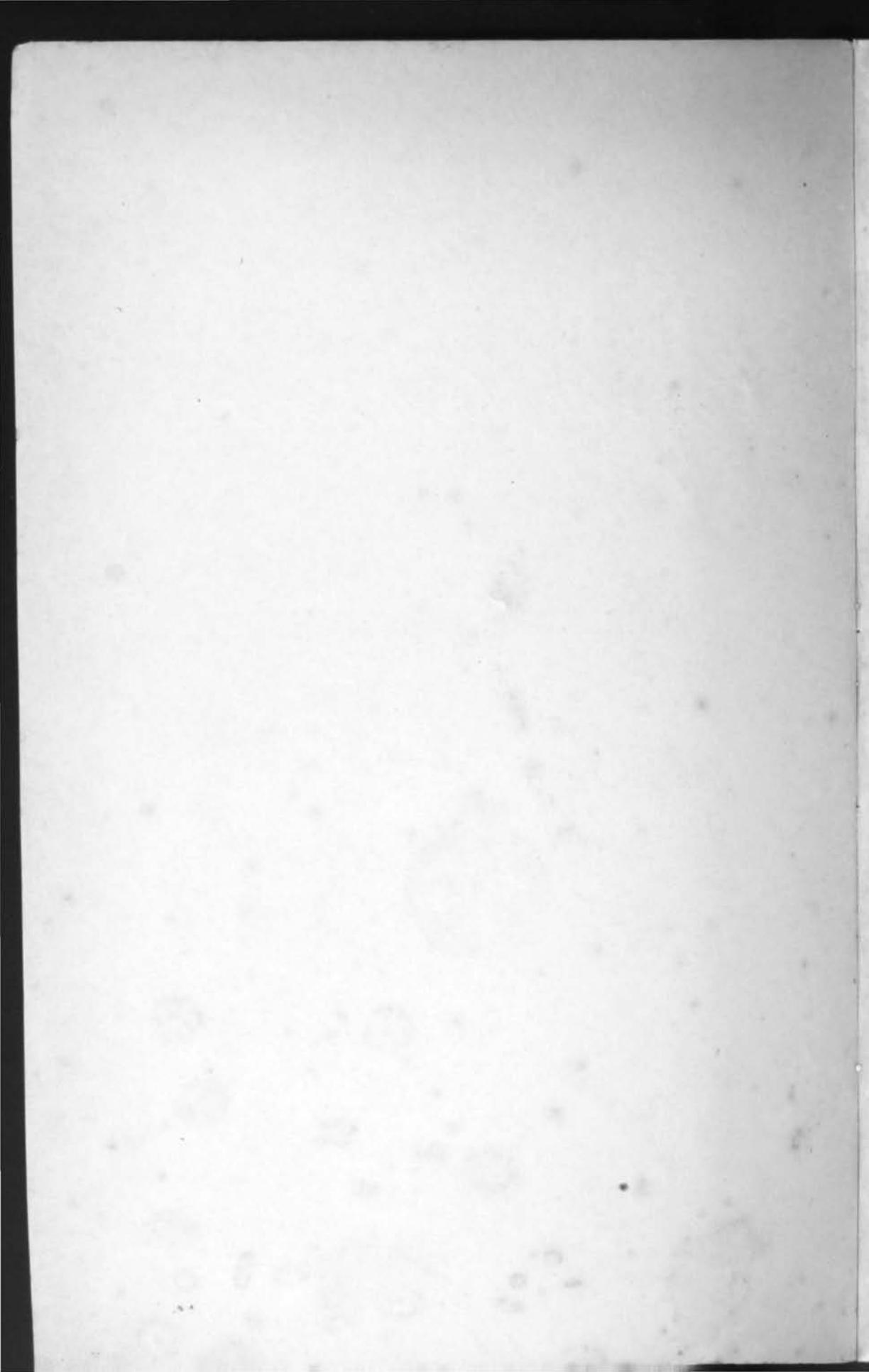


COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1906

Sala	5
Gab.	5
Est.	32
Tab.	33
N.º	33



AS «HORAS DE NOSSA SENHORA»

DA

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

R. 4125

MENDES DOS REMEDIOS

AS «HORAS DE NOSSA SENHORA»

DA

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



COIMBRA
Imprensa da Universidade
1906

Separatas do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*:

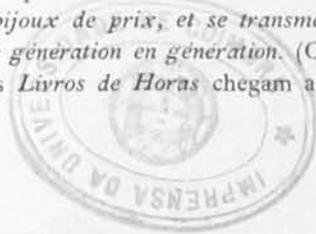
- I — **Uma Biblia Hebraica**, 1903, 1 folh. (16 pag. com grav.), 210 × 126.
- II — **Moedas Romanas** (Ensaio de catalogo), 1905, 1 folh. (74 pag.), 175 × 99.
- III — **As «Horas de Nossa Senhora»**, 1906, 1 folh. (22 pag.), 175 × 99.

AS «HORAS DE NOSSA SENHORA»

Os encantadores pequenos livrinhos em toda a parte conhecidos pelo nome de *Horas de Nossa Senhora* ou *Livros de Horas*, fôram sempre tidos em grande estima e devidamente apreciados. Para isso concorreu sobretudo a belleza e perfeição das miniaturas que, não obstante versarem quasi sempre os mesmos assumptos — *Annunciação, Descida do Espirito-Santo, Nascimento de Jesus, Adoração dos Reis Magos, Coroação da Virgem*. . . — se differençam contudo pela combinação phantasiosa das côres e por motivos episodicos variadissimos. Pintores eximios punham numa pequena folha de pergaminho todo o seu talento, toda a sua alma, todo o seu sentimento, chegando, por vezes, a crear verdadeiras obras-primas.

Em livros illuminados nós possuímos, em Portugal, uma verdadeira riqueza. Nos palacios dos reis e dos grandes, bem como nos conventos de muitas ordens religiosas (1), existiam

(1) O alto preço d'esses livros fazia com que só os bafejados da fortuna os podessem adquirir. *Ces riches volumes étaient avec raison conservés comme des bijoux de prix, et se transmettaient par succession dans les familles de génération en génération.* (Ch. Brunet, *Dict. Bibl.*, V, *in fine*). Hoje os *Livros de Horas* chegam a vender-se por preços



bastantes d'essas preciosidades, que o tempo e a fortuna, em parte, lamentavelmente para sempre já dispersaram ou destruíram. Sem querer fallar de tantos outros bellos exemplares de pennejado e chromatica, quando, em 1882, se realizou a Exposição de Arte Ornamental em Lisboa, os curiosos puderam admirar a famosa *Biblia dos Jeronymos*, em sete volumes ricamente illuminados (1), o *Missal de Estevão Gon-*

elevadissimos. No Catalogo de Karl W. Hiersemann, de Leipzig, n.º 323 «*Kunstgeschichte*» (1906), offerece-se um exemplar (n.º 867, pag. 86) «*Zweifellos franç. speziell Pariser Schule, mit entzückenden Bordüren geschmückt...*» e «*... in sehr guter Erhaltung*», por 22:000 mk. Tambem no *Catalogue d'un joli choix de Livres rares & précieux* (Paris, 1906) se annunciam á venda alguns exemplares de preços varios, desde 1:500 até 3:000, 6:500, 8:500 e 10:000 francos.

(1) Doada ao mosteiro de Belem por el-rei D. Manuel no anno de 1517. Foi mandada executar em Italia por D. João 2.º e depois por D. Manuel, sendo os dois primeiros tomos, ainda incompletos, comprados por aquelle monarcha a um tal Adamanto Florentino, que os trazia para negocio, pela quantia de 6:666 justos de ouro (a 600 réis). Isto a dar-mos credito ao Abbade de Castro «*Das hat schon 1839, escreve o sr. J. de Vasconcellos (Francisco de Hollanda — Vier Gespräche über die Malerei geführt zu Rom 1538... Wien, 1899, pag. cxxxvi) Ab-bade de Castro in seinem Brief an Sallustio (vid. infra) nachgewiesen und 1860 in seiner Notiç über einige illuminierte Bücher (refere-se ao opus-culo — Noticia de alguns livros illuminados que se guardam no Archivo Real, dos illuminadores portuguezes até ao seculo xviii, e do estabelecimento em Portugal da Torre do Tombo, Lisboa, 1860, 14 pag. [muito raro], wiederholt, in einer Weise, die freilich für Zweifel immer noch Raum übrig lässt, da dass Original-Dokument, auf welches sich die unter den Mönchen von Belem überlieferte Nachricht stützt, nicht gefunden worden ist*». O que é indubitavel é que em 1501 os sete vols. do precioso codice estavam em Lisboa, ficando desde 1517, por doação de D. Manuel, na posse dos monges Jeronymos de Belem. Junot levou-os para França em 1808. Sete annos depois, em 1815, voltaram para o país, mercê dos esforços do Marquez de Marialva, D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, de Francisco José Maria de Brito, Enviado

çalves, tão justamente elogiado pelas suas estampas coloridas, bem como pela profusão, variedade e riqueza das suas tarjas (1), e os *Livros de Horas*, cuja enumeração segue copiada textualmente do *Catalogo*:

.....

3. Livro de Horas. Fins do seculo xiv ou principios do xv. Foi do uso do Principe, depois rei, D. Duarte. Manuscrito em pergaminho, in-4.^o, com miniaturas, tarjas e iniciaes illuminadas. *Torre do Tombo*.

4. Horas de Nossa Senhora. Fins do seculo xv. Manuscrito em pergaminho in-8.^o, com illuminuras. *Convento Novo de S. José e Santa Thereza, Evora*.

5. Outras. Fins do seculo xv ou principios do xvi. Manuscrito em pergaminho com miniaturas, tarjas e iniciaes illuminadas. Tem uma nota mais moderna, assignada por Fr. Luiz de Santiago, em que se diz que pertenceram á rainha

Extraordinario junto á Côrte de França e da generosidade de Luís XVIII, que, inteirado do negocio, deu á viuva do Marechal *oitenta mil francos*. A Duqueza d'Abrantes pedia ao representante do nosso governo *cento e cincoenta mil francos!* A correspondencia trocada entre o governo portuguez e os agentes encarregados de promoverem a restituição da Biblia está publicada no *Archivo Pittoresco*, I (1857-1858), pag. 394. Para a historia do precioso codice, veja-se Luiz Duarte Villela da Silva, *Observações criticas sobre alguns artigos do Ensaio estatístico do Reino de Portugal e Algarves, publicado em Paris por A. Balbi*, Lisboa, 1828, pag. 37 e seg.; e a carta do Abbadê A. D. de Castro e Sousa sobre *A Biblia, chamada vulgarmente dos monges Jeronymos* no opusculo — *Carta dirigida a Sallustio, amador de antiguidades*, Lisboa, 1839, e sr. J. de Vasconcellos, *obr. cit.*, pag. cxxxv.

(1) Reproduzido em chromo-litographia em Paris, com um largo e bello estudo de Ferdinand Denis.

D. Leonor (mulher de D. João II). Fôram do Convento da Madre de Deus. *Imprensa Nacional*.

11. Horas de Nossa Senhora. Manuscrito em pergaminho, in-32.^o Letra franceza do seculo xvi. Tarjas e miniaturas. Encadernação em marroquim castanho. *Bibliotheca de Evora*.

14. Horas de Nossa Senhora. Manuscrito em pergaminho finissimo, in-32.^o Letra dos fins do seculo xv ou principios do seculo xvi. Iniciaes e tarjas em bellas miniaturas a oiro e côres. Aparos e margens todas douradas. Encadernação em velludo azul. *Bibliotheca de Evora*.

15. Outras. Manuscrito em pergaminho finissimo, in-32.^o Letra allemã, seculo xvi. Tarjas e miniaturas a oiro e aguedas (*Camateu*). *Bibliotheca de Evora*.

16. Outras. Manuscrito in-8.^o, em pergaminho illuminado, com tarjas, iniciaes e miniaturas douradas e coloridas. Seculo xvi. *Bibliotheca Nacional de Lisboa* (1).

17. Outras. Manuscrito em pergaminho, in-8.^o No principio tem uma estampa dourada e colorida, representando num nicho de architectura manuelina, o brazão do appellido Costa. Iniciaes, tarjas e estampas illuminadas a oiro e côres. Encadernação de velludo verde com fechos de prata. Seculo xvi. *Sr. Conde de Mesquitella* (2).

(1) É naturalmente o mesmo já descripto no *Catalogo*, I, pag. 121, que figurava na Sala B, n.^o 206.

(2) Trouxe-o, á volta da embaixada, Tristão da Cunha, como presente de Leão X para D. Manuel. Este monarcha offereceu-o ao seu

29. Horas de Nossa Senhora. Manuscrito em pergaminho com illuminuras, in-8.^o *Bibliotheca de Mafra*.

36. Horas de Nossa Senhora. Manuscrito em pergaminho, in-8.^o, com illuminuras. Encadernação contemporanea. Seculo xv. *Bibliotheca da Universidade*.

44. Horas de Nossa Senhora. Seculo xv. Manuscrito em pergaminho, in-4.^o, com illuminuras. Encadernação em carneira com fechos e cantos de prata. Sr. *Marquez de Ficalho*.

45. Outras com illuminuras muito curiosas. Manuscrito em pergaminho, in-32.^o Seculo xvi. Sr. *D. Duarte Manuel de Noronha* (1).

armeiro-mór D. Alvaro da Costa, e na casa do Conde de Mesquitella existiu até ha poucos annos.

(1) Vide o *Catalogo illustrado da Exposição retrospectiva da Arte Ornamental portugüesa e hespanhola celebrada em Lisboa em 1882*. . . Lisboa, 1882. Sahiram 2 vols., um de *texto*, e outro de *illustrações*. Aqui cita-se o vol. I, pag. 314 e seg. O secretario da Commissão executiva da Exposição, e alma d'ella, pôde dizer-se, foi o erudito dr. Augusto Filippe Simões, que publicou sobre o assumpto diversas cartas no *Correio da Noite*, ao depois colleccionadas em livro: *A Exposição retrospectiva de Arte Ornamental portugüesa e hespanhola em Lisboa*, Lisboa, 1882, 1 vol.

Deve ver-se tambem o *Album do Phototypias da Exposição retrospectiva de Arte Ornamental em Lisboa, MDCCCLXXXV*, por C. Relvas, collecção formosissima das peças mais valiosas da exposição, antecedida d'um estudo sobre *A Arte antiga em Hespanha e Portugal*, pelo dr. A. Filippe Simões. Para o estudo dos illuminadores portugüeses ha subsidios importantes, mas dispersos. O sr. J. de Vasconcellos liga capital importancia á memoria do Visconde de Santarem — *Notice sur quelques manuscrits remarquables par leurs caractères et par les ornements dont ils sont embellis, qui se trouvent en Portugal* (Extracto do

Propositamente enumeramos a série tal como vem no *Catálogo official* da Exposição. Naturalmente, senão tudo, pelo menos, alguma cousa do melhor que tínhamos lá figurou (1). Se houvesse uma nova *Exposição de Arte Ornamental* poderíamos ver nella os livros que na de 1882 figuraram, alguns dos quaes deixamos apontados? Conserva-se ainda na Torre do Tombo a *Biblia dos Jeronymos*, o *Missal de Esterão Gonçalves* guarda-se na Academia Real das Sciencias; mas os *Livros de Horas*? Esses, todos, já não podiam ser admirados. Um ou outro foi vendido; por ventura, algum foi magnanimamente offerecido — a dar-se credito a rumores que

vol. XII das *Mem. de la Soc. Roy. des antiq. de France*, Paris, impr. E. Duverger, s. d., 8.º gr., 36 pag., e o Suppl.: *Notes additionnelles de M. le Vic. de S. à la lettre qu'il adressa à M. le Baron Mielle le 24 avril 1835*, Paris, 1836, mais 21 pag.), infelizmente rarissima. Ferdinand Denis escreveu proficientemente no prefacio do *Missal* de E. Gonçalves, já citado, algumas paginas, especialmente 45 a 64. «Abbate de Castro, Andrade, José Feliciano de Castilho, não tem importancia». Vid. *Arch. Artist.*, já cit., e do mesmo auctor Francisco de Hollanda, *Vier Gespräche...*, já cit.; sr. Ramalho Ortigão, *Catálogo da Sala de Sua Magestade El-Rei*, pag. 60 e seg.

(1) Sua Magestade El-Rei não expôs nenhum dos exemplares da sua Collecção entre a qual figura, todavia, a joia d'este genero de trabalhos — o chamado *Livro de Horas de D. Manuel*. «Elle representa seguramente, escreve o sr. Ramalho Ortigão, um dos mais altos cumes a que jámais chegou a poesia, e é, sem contestação, uma das tres ou quatro mais primorosas e mais bellas obras d'arte que Portugal inspirou e que existiu em Portugal». Vid. *Exposição de Arte Ornamental promovida pela Commissão do centenario de Santo Antonio em Lisboa, no anno de 1895*. — *Catálogo da Sala de Sua Magestade El-Rei*, Lisboa, 1905, pag. 79. O sr. Ramalho Ortigão descreve ainda outro *Livro de Horas* em latim «trabalho exclusivamente flamengo, e preciosissimo», um «Devocionario em latim» com iniciaes e capitaes ornamentadas, coloridas e realçadas a ouro finissimo», e mais «nove Devocionarios ou livros de horas todos francêses».

circulam (1). Quaes? Quantos? Desgraçadamente o inventario das nossas riquezas artisticas não está feito. «A exploração dos pergaminhos illustrados das nossas bibliothecas e archivos, escreve o sr. Joaquim de Vasconcellos, está por fazer, e no entanto, podemos affiançar, por exame proprio, em Lisboa, Ajuda, Evora, Coimbra, Vizeu, Porto, etc., que possuímos ainda notaveis preciosidades, apesar de serem restos do que escapou á rapina de francezes, inglezes e portuguezes» (2). De fórma que, se hoje quisessemos saber o que neste ramo das bellas-artes, como o que em architectura, em pintura, em esculptura, em ourivesaria, em faianças, . . . podemos orgulhar-nos de possuir, não o poderíamos saber sem grande fadiga. Ha muito que se impunha um inventario rigoroso e preciso para que o País soubesse o que possui nesse genero de trabalhos, que são sempre o orgulho das nações e constituem a flôr da civilisação. Urgia que se fizesse o mesmo que os francezes, por exemplo, fizeram com o seu *Inventaire général des richesses d'art de la France* (3).

Era um dever de alto patriotismo. E como taes riquezas são um patrimonio commum, ninguem, por mais altamente collocado na hierarchia social, poderia sonegá-las ao estudo e á admiração publicas. O pais tem poucos museus, mas

(1) Onde pára hoje o *Livro de Horas da Rainha D. Catharina*, miniaturado por Simão de Bruges, e que foi comprado por Damião de Goes entre 1530 e 1545, em Antuerpia, por 300 cruzados? O *Livro de Horas de D. Leonor*, presenteado pela Rainha ao Convento da Madre de Deus, ainda se guarda na Imprensa Nacional? Responda quem souber. . . .

(2) *Arch. Artist.*, vol. II, fasc. VI (*Francisco de Hollanda — Da fabrica*, etc., pag. xi, nota á fl. 38 v.

(3) O tomo 1.º sahiu em 1878, o ultimo publicado sahiu em 1901; é o tomo 16.º da série e o 3.º dos monumentos religiosos.

poucos como são, em Lisboa, no Porto, em Coimbra, chegam para arrecadar essas joias, de qualquer materia que sejam—ouro ou pergaminho, barro ou vidraria, armas ou indumentaria.

Pertence á categoria dos livros raros e preciosos, de que vimos fallando, o exemplar das *Horas de Nossa Senhora*, da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, manuscripto, em pergaminho, com illuminuras, que deve datar dos meados do seculo xv e que é mais um exemplar d'esses delicados livrinhos de rezas e orações, que mãos patricias folhejavam devotamente, e que fôram criação e obra do talento e pericia de muitos artistas, alguns d'elles, sem duvida, portuguezes.

O nosso livrinho contém 122 folhas recentemente numeradas. Altura da folha 164 millim., largura 132; a mancha escripta comprehende de altura 101 millim., e de largura 70.

A escriptura é gothica a 19 linhas por lauda, e, pouco mais ou menos, 30 letras por linha.

A encadernação é de madeira coberta de couro com desenhos dourados, de phantasia. Os ferros dos cantos e dos fechos desapareceram sem deixar o mais insignificante vestigio.

O volume encerra o calendario (12 primeiras paginas); o officio da S. S. Cruz (13-16 v.); o officio do Espirito-Santo (17-19 v.); a Missa da Virgem Maria (20-26 v.); as Horas da Virgem Maria segundo o uso romano: a) *ad matutinum* (28-38 v.); b) *ad laudes* (39-45 v.); c) *ad primam* (46-48 v.); d) *ad tertiam* (50-52 v.); e) *ad sextam* (53-55 v.); f) *ad nonam* (57-59); g) *ad vespervas* (61-65); h) *ad completorium* (65-69); o officio da Virgem Maria recitado no Advento (71-76); os sete psalmos penitenciaes com a ladainha de todos os Santos e respectivas orações (77-90 v.); o officio

dos defuntos (90-117). Fecha com duas orações á Virgem (118-121 v.).

O calendário que, como dissémos, abrange 12 paginas, contém numa columna o aureo numero, em outra as letras dominicaes, e regista os nomes dos santos, sendo escriptas a tinta vermelha as festas maiores. Inicia cada pagina do calendario o monogramma Kl [Kalendas] em maiusculas douradas, sem outra ornamentação.

O texto começa a pag. 13 por estas palavras: *Incipit officium sancte. Crucis. Vsus.*, e termina a pag. 121 v. com estas: *Qui cum p̄v̄ [patre] et filio coeternus et consubstantialis cū eis et in eis vivit et regnat omnipotens deus in secula seculorum. Amen.*

Das 14 illuminuras que originariamente teve, restam 8 que passamos a descrever:

1. *Crucifixão.* — A primeira da série representa a crucifixão. No meio d'uma caprichosa ornamentação de delicadas hastes, ramos, e de pequeninas flores, a ouro e a côres, numa combinação harmoniosa, de desenhos finissimos, abre-se o enquadramento da moldura circunscripto por um filete de ouro. Ao centro ergue-se a cruz d'onde pende o cadaver de Christo. Aos pés está ajoelhada Magdalena tendo o vaso dos perfumes ao lado; atrás, de pé, quatro mulheres, uma das quaes, a mais em evidencia, a Virgem, em attitude lacrimosa, o rosto desviado do doloroso espectáculo em que era protagonista o Filho amantissimo, está prestes a desfallecer. As duas mulheres proximas amparam-na delicadamente, enquanto Magdalena toda entregue á sua dôr, nem parece dar pelo que se passa ao pé de si. O fundo do quadro é occupado pela casaria levemente acinzentada e pela cõr verde da paysagem, onde se abre o sulco branco do caminho que de Jerusalem levava ao Calvario. A perspectiva é interessante. Á esquerda da cruz um grupo de homens olha attentamente as mulheres;

à frente um, detendo os outros com um aceno, como que a recomendar respeito, a mão direita levantada a impôr silencio, a esquerda segurando o manto, na cabeça um turbante. Ao alto divisam-se o sol, a lua e as estrellas em fundo azul carregado. Toda a miniatura é animada d'uma intensa vida.

2. *Descida do Espirito-Santo.* — A Virgem e os Apostolos num grupo, todos ajoelhados e de mãos erguidas, oram. Todos parecem fixar a Virgem que está ao centro, com as mãos postas sobre o peito, em frente do altar, onde se vê um livro aberto. Ao alto a pomba symbolica está envolvida num feixe de raios luminosos que vêem dirigidos á assistencia. Esbatido, ao fundo, como perspectiva, o verde dos campos, já cortado em parte por um edificio, é levemente desenhado. Um encanto.

3. *A Anunciação.* — É das mais lindas esta miniatura pela suavidade do colorido, disposição das figuras e encanto da perspectiva. Todo o quadrinho respira poesia. Envolvida no seu manto azul, de fimbria dourada, a Virgem, ora ajoelhada, toda absorvida na meditação e na leitura do livro aberto sobre que descança a mão esquerda. Mas um anjo acaba de entrar no aposento. A Virgem, a mão direita erguida num gesto brando, volta-se, e toda ella reflete humildade ao deparar-se-lhe o anjo que pronuncia as palavras da saudação: *Ave gratia plena Dominus tecum.* A figura do Enviado na sua alva tunica, com um manto vermelho e verde cahindo em pregas, na attitude de quem vai ajoelhar, como no quadro de Petrus Cristus, da *Galeria Real* de Berlin, ao annunciar a Boa-Nova, é simplesmente adoravel. Ao alto, num fundo azul, sustendo nas suas mãos o mundo, e cercado de estrellas, o Padre Eterno despede um feixe de raios que se dirigem para a Virgem acompanhando a Virtude do Espirito, sob a fórma de pomba, que prestes quasi toca a cabeça da mulher

privilegiada. Pela porta aberta de par em par, vê-se ao longe um arco, a rotunda d'um edificio, e montes que se esbatem na distancia.

A moldura que envolve o quadro é como as demais caprichosamente ornamentada, de côres variegadas, macias ao olhar, representando minúsculas alcachofras, myosotis, morangos pequeninos e vermelhos como nodos de sangue.

4. *Anunciação aos pastores.* — Quadro campesino como convinha ao assumpto. Dois pastores recebem o annuncio do nascimento do Salvador. Um anjo que desce do ceo vem dizendo: *Gloria in excelsis Deo.* . . No campo verde ovelhas graciosas bálam ou pastam. Algumas arvores afloram entre montes e o quadro fecha por um amontoamento de casarias, molhadas pelas aguas mansas d'um regato. Um dos pastores ajoelhado encosta-se ao cajado, olhando para o anjo que desce enquanto o outro parece informá-lo ou inquirir d'elle as razões da sua attitude.

5. *Apresentação de Jesus no templo.* — Segundo a narração evangelica os Paes de Jesus levaram seu Filho a Jerusalem para o consagrarem ao Senhor, em obediencia á lei moysaica, que prescrevia tambem a offerenda de um casal de rolas ou de pombos. Na cidade santa vivia um velho de nome Simeão, que se achava no templo na occasião em que nelle entrava a Sagrada Familia. Tomando o menino nos braços, elle que ardentemente desejava, antes de morrer, ver o Salvador, e a quem, agora, acabava de ser satisfeita essa aspiração, agradece a Deus a mercê que lhe fôra feita, declarando que já podia morrer por terem seus olhos visto Aquelle que seria a luz das nações e a gloria de Israel. Maravilhados os Paes de Jesus assistiam a esta scena, enquanto Anna, a velha prophetiza, filha de Phanuel, da tribu de Aser, entoava tambem louvores á Redempção de Israel.

Tal é o assumpto d'esta illuminura. No grupo formado em volta do altar destaca-se a figura do velho Simeão, de mãos veladas, e vestido de sacerdote, sustendo o menino que volta os braços e os pequeninos olhos para a Virgem que o contempla com um olhar cheio de curiosidade e de receio, de expectativa e como que de vago mysterio, a aureola em halo d'ouro em volta da cabeça coberta do amicto, o manto salpicado de ouro graciosamente cahido em pregas, as mãos postas em adoração. Ao lado S. José, em figura de velho, sustenta devotamente uma vela, como no retabulo de Albertinelli, em Florença. Atrás divisa-se ainda Anna e uma outra mulher, talvez Salomé. Uma donzella em vestes longas de pagem com o cabello graciosamente entrançado, leva enfiado no braço o cabaz onde vão as rolas ou o casal de pombas. Detrás de Simeão vê-se ainda uma figura de frade. A scena passa-se num interior semelhante ao da illuminura da *Anunciação* anteriormente descripta, com a qual tem ainda outras aproximações episodicas.

6. *O julgamento de Salomão*. — É assumpto d'esta illuminura a narrativa bem conhecida do III livro dos Reis, cap. III. O rei sabio empunhando o sceptro, symbolo do poder, e sentado no seu throno sob um docel, está na attitude de quem vai pronunciar a sentença, que acordará o grito de angustia no coração da verdadeira mãe — *Cortai em duas a creança, que está viva, e dai metade a cada uma das mães*. . . — Em frente o soldado dispõe-se a executar a ordem real, de alfange erguido, entretanto que a verdadeira mãe, de joelhos, numa attitude de afflicção e de angustia, pretende arrancar-lhe a creança. Ao lado de Salomão a outra mulher, impassivel, tem um gesto de approvação. Um soldado, de turbante, assiste, maravilhado e receioso, a toda a scena. A cabeça d'um outro soldado assoma curiosamente de lado, e, entrando em direcção ao palacio, onde o poderoso rei de Israel admi-





nistra justiça, vê-se, com uma creancinha nos braços, caminhar uma mulher.

7. *Coroação da Virgem*. — Esta scena é das tratadas com mais sentimento e com mais amor pelos pintores que se têm occupado da vida da Virgem. É universalmente conhecido e admirado o quadro de Fra Angelico, obra prima de mysticismo e de arte, guardado hoje no Louvre, em Paris. A nossa interessante miniatura, cuja belleza se adivinha na monochromia da gravura, que acompanha estas despretenciosas notas, não tem a grandeza de scenario do quadro d'aquelle genial e santo artista (1). Mas a simplicidade não exclue a poesia. A Virgem, como na maravilhosa tela de Fra Angelico, com o seu manto azul, de fimbria de ouro, com a sua aureola, ajoelha perto do Pae Omnipotente. A corôa, que dois anjos sustentam, vai ser-lhe collocada sobre a cabeça. Um anjo levanta a cauda do manto, dois outros entoam louvores, e no alto, outros ainda, entre estrellas, tigem instrumentos, em signal de alegria. A suavidade dos tons neste pequenino quadro, é, não obstante o contraste das côres, interessantissima. Nas figurinhas dos tres anjos, com os seus cabellos louros cahidos, no gesto do que levanta o manto em pregas, no do que sustém o papel dos canticos, como no ar de interesse do terceiro, de que só se vêem a cabeça e uma parte do busto, ha uma vida tão intensa que impressiona profundamente.

8. *David em oração*. — O rei propheta tem um largo quinhão na historia da iconographia religiosa. A miniatura do nosso livro representa-o, como se vê da gravura junta, com

(1) Vide Henry Cochin — *Le bienheureux Fra Angelico de Fiesole*, 1 vol. Paris, 1906.

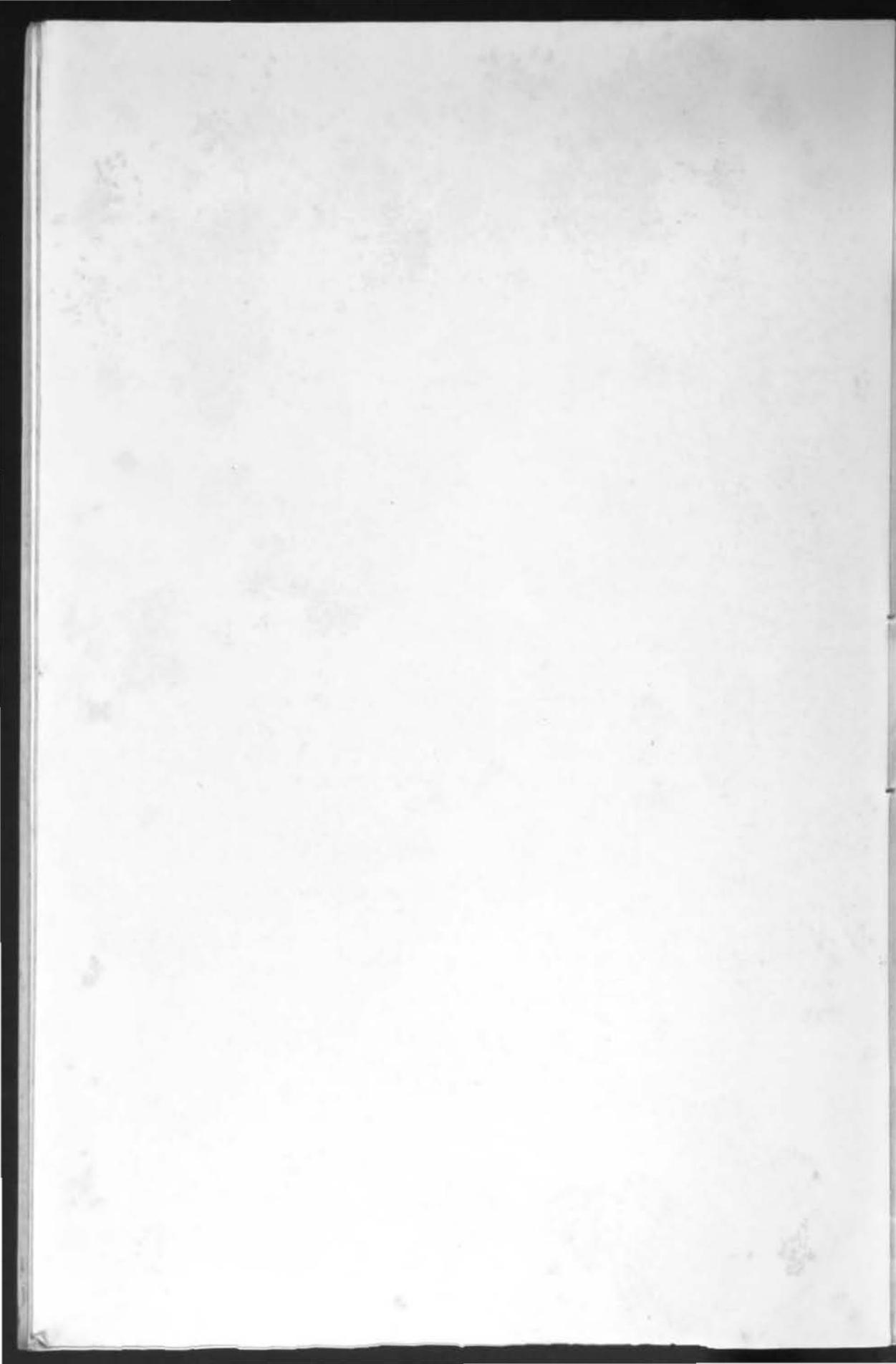
um Joelho em terra, as mãos postas, em frente da arca. Ao lado a harpa, em frente a corôa. Do alto desce sobre a cabeça do rei propheta e cantor a inspiração divina. No fundo do quadro, onde se reproduz a aridez do campo, ha um amontoamento de edificios. Por ventura quis o miniaturista representar o momento em que David fez transportar a arca da alliança, que estava em Cariathriarim, em casa de Abinadab, para Jerusalem, centro do culto divino. David cercou essa solemnidade de toda a magestade e pompa. Revestido d'um ephod de linho, como qualquer levita, David dançava e dirigia os côros.

Taes são as illuminuras que actualmente se encontram juntas ás *Horas de Nossa Senhora*. A belleza d'este precioso livrinho mais faz sentir a barbaridade que alguém com elle commetteu, arrancando-lhe as ferragens, deteriorando-lhe a encadernação que é contemporanea, e, o que é peor, fazendo sumir e desaparecer para sempre seis das lindas miniaturas que o adornavam (1). Effectivamente deviam ser, ao todo, quatorze os quadros do codice, pois que quatorze são tambem as paginas que se lhes defrontavam. Nessas quatorze paginas ha identicos entrelaçados e motivos ornamentaes. A letra inicial d'ellas é em todas uma maiuscula artisticamente pintada a ouro e a côres variadas. Faltam, pois, seis miniaturas. Não pôde haver duvida. Desde quando?

É hoje inteiramente impossivel reconstituir completa a

(1) As *Horas* da Rainha D. Leonor, actualmente guardadas na Imprensa Nacional (?) estão tambem truncadas. Só restam 6 das, pelo menos, 12 que primitivamente continha. Veja-se o artigo do sr. D. J. Pessanha in *Arte Portuguesa*, pag. 13.





historia externa do nosso codice. Mas alguma cousa poderemos com segurança avançar. Assim, é muito de presumir que o valioso livrinho não estivesse ainda na Bibliotheca no primeiro decenio do seculo XIX. Por isto. Quando se temeu que os Francêses entrassem em Coimbra e aqui fizessem o mesmo que em todas as demais terras do reino vinham fazendo, cuidou-se de esconder á rapina desenfreada da soldadesca tudo o que podia esconder-se. Naturalmente sabia-se que o general-chefe dos exercitos tinha dado ordem de se não saquear a velha metropole das sciencias portuguezas. Mas, diz um contemporaneo, quando Junot com o seu estado maior se apresentou ás portas da cidade e soube das ordens de Massena, que lhe impediam a entrada, tomou o expediente simplissimo de não fazer caso da prohibição e entrar (1). Tomaram-se, pois, as precauções que se pôde, na occasião, tomar, e é certamente devido a ellas que escaparam de nos ser roubados muitos objectos que ainda nos restam. Apesar de tudo os edificios universitarios, os seus collegios, as igrejas, etc., fôram rebuscados avidamente e soffreram enormes prejuizos. Os soldados francêses fôram em Coimbra, como em muitas partes do nosso país, um novo 55. Objectos de prata e ouro, quadros, roupas, livros, tudo lhes servia. Até a cozinha do

(1) «... le général Junot se présenta le soir aux portes avec son état major, et, sur le refus qu'on lui fit de le laisser entrer, il força la consigne, et entra d'autorité. Après cet exemple, il fut impossible de maintenir aucun ordre dans la ville, et tout ce que put obtenir le commandant, ce fut d'empêcher le pillage et la degradation de la Bibliothèque, de l'observatoire, et des autres établissemens publics de l'Université...». Cfr. *Aperçu nouveau sur les campagnes des Français en Portugal, en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811...* Paris, 1818, 1 vol., pag. 155. [De Manuel Ignacio Martins Pamplona Corte-Real — vjd. *Dicc. Bibl.*, V, pag. 447].

Collegio das Ordens militares foi desnudada da sua bateria! (1).

Pelo que respeita á Bibliotheca da Universidade, sabemos apenas que soffreu prejuizos a livraria de Monsenhor Hasse. Alguns officiaes levaram a obra de J. Murphy, 4 vols., *Le voyage en Portugal*, de que gentilmente passaram recibo.

Mas quer o leitor saber porque os preciosos codices que hoje formam a exposição dos cimelios da Bibliotheca da Universidade se não sumiram na voragem das invasões napoleonicas por 1810? Pela razão de que haviam sido escondidos. Assim nô-lo deixa claramente entender a folha avulsa que se intitula *Catalogo dos livros que se mandaram encaixotar no dia 1.º de Ferr.º de 1809*. Os codices membranceos manuscriptos, as Biblias egualmente manuscriptas, as edições impressas de valor como os 23 volumes da obra de Piranesi, tudo se encaixotou e escondeu. Outros volumes preciosos escaparam escondidos e ignorados no *mare magnum* dos livros da Bibliotheca, e só por um acaso se lhes poderia descobrir o paradeiro, como algumas vezes nos tem acontecido e nos aconteceu particularmente com um formosissimo

(1) Veja-se o *Annuario da Universidade de Coimbra de 1876-1877*, pag. 209. Segundo uma nota ms. inédita do que foi pelos francezes roubado ao Collegio das Ordens militares de Coimbra, da *livraria* foi levado: «Virgilio ex edit. Chr. Gottl. Heyne. Lipsiae, 1800, 6 vols. in-8.º, fig. em gr.º papel velin com encadernação rica em marroquim verde; as obras de Voltaire impressas em 1785, 70 vols. em 8.º, bom papel; as obras de Horacio impressas em Londres em 1733 e 1837, 2 vols. em 8.º, papel grande com excellentes estampas, folhas douradas e encadernação rica. Fóra outras obras que levarão ou trincarão».

Uma outra nota inédita lançada no fim do catalogo do Collegio de S. Jeronymo em 15 de março de 1823 pelo Bibliothecario Joaquim Frazão, regista: «... pela invazão dos Francezes tãobem faltaraõ muitas obras, e outras foraõ mutiladas».

Corpus juris civilis, manuscrito, em pergaminho, que tem a data de 1348 e peza a bagatella de quasi doze kilos! Esses estavam bem guardados!

Ha ainda outros livros que deram entrada na Bibliotheca posteriormente á data das invasões francêsas. Estão neste caso a *Biblia Hebraica*, o precioso codice que já tivemos occasião de estudar, o *Vitae Patrum Hermitarum*, volume manuscrito, em gothico maiusculo, que deu entrada na Bibliotheca em agosto de 1859, tendo vindo do Hospital da Conceição, onde haviam sido recolhidas as livrarias dos conventos.

No mesmo caso deve estar o livro das *Horas*. Se existisse na Bibliotheca em 1809 não deixaria de ser incluído na lista dos que fôram encaixotados então. Mas d'onde viria e quando? Não temos elementos para uma resposta. Tudo quanto pudemos apurar é que em 1832 já existia na Bibliotheca. Com effeito, em 30 de julho d'aquelle anno eram encaixotados os livros e as medalhas pertencentes á Bibliotheca, e na relação apparece o seguinte: «*Humas Horas manuscriptas em pergaminho com boas vinhetas*, in-8.º...» (1). Mais tarde, em 1850, de novo se faz menção do nosso codice. Numa relação summarissima pomposamente epigraphada *Catalogo do gabinete reservado*, vem designado sob esta rubrica: «*Officio de N. Senhora. M. S. in membranis*, 8.º (adornado de bellas figuras)». Nem uma nem outra nota nos diz o numero do que uma chama *vinhetas* e a outra *figuras*. E é pena porque semelhante elucidação tirar-nos-hia muitas duvidas, que estão, por ventura, destinadas a subsistir para sempre.

(1) Pag. 28 v. d'um livro que tem o titulo: *Copiador de documentos pertencentes á Bibliotheca da Universidade e Depositos de livros annexos*. No mesmo lugar e a seguir menciona-se ainda: «*Outras ditas [Horas] manuscriptas em papel, e tambem in-8.º*». Não encontrámos outra menção d'este livro. Perdeu-se na voragem...

O livro das *Horas* já entrou na Bibliotheca truncado? No caso affirmativo, quantas illuminuras, das quatorze que primitivamente teve, lhe fôram subtrahidas? Chegou o livro completo e integro ao anno em que lhe fôram então arrancadas, pelo menos, quatro, como se sabe com toda a certeza? Seja como fôr, sabendo que na «Exposição de Arte Ornamental portugûesa e espanhola», realizada em Lisboa em 1882, haviam figurado na sala E, n.ºs 37 a 40, essas quatro illuminuras, procurámos rehavê-las. Não contaremos aqui os esforços, cortados de tantos incidentes, que empregámos para esse fim e que fôram coroados de resultado parcialmente satisfatorio. Pudemos obter duas d'essas illuminuras, que occupam desde o dia 10 de maio de 1902 o logar d'onde mão criminosa, sem que se secasse, as tirou. Abandonados do auxilio das estações superiores que sollicitáramos, illudidos nos propositos generosos e desinteressados que alimentavamos, não deixámos de rehaveer os dois formosos quadrinhos, que são os dois primeiros que inauguram a série das *Horas*. «Estou resolvido, escreviamos ao possuidor das illuminuras, a fazer a aquisição embora para tanto tenha de a fazer á minha custa...». Mas não foi preciso. O Estado não quis conceder a verba extraordinaria necessaria para fazer a compra; a Universidade prometeu fazê-lo, mas não cumpriu. O que um não quis e a outra se esqueceu de fazer, cumpriu-o a propria Bibliotheca com os seus magros recursos — mas fidalgamente (1).

As miniaturas fôram adquiridas e estão no seu logar.

(1) Todos os «Documentos para a historia das quatro illuminuras roubadas ao livro *Horas*» estão devidamente catalogados e guardados no Archivo da Bibliotheca.



